



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

25 de Outubro de 2008 • Ano LXV • N.º 1686
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 50078898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

«Ai Porto, Porto...»

NEM o Douro, raivoso e fundo, sonharia os pés que beija antes de se fundir, no Foz, com o Oceano...
A montante, os vinhedos alinhados a pente fino, vão revelando com sobriedade e beleza rara, o salar que é o Porto, onde o Rio se banqueteia antes de partir no horizonte.

O Douro e as vinhas que o bordejam, quais pajens de ilustre soberano; o néctar refinado em coscos escondidos e afagados pela poeira do tempo, como «patine», têm o sabor do «eterno» apetecido.

O Coliseu é um brasão ilustre da beleza e da arte deste grande solar que é a Cidade do Porto.

Não podia o Padre Américo deixar de render-se, de alma e peito, com paixão santo ao conhecer o coração generoso das suas gentes: «ai Porto, Porto, quão tarde te conheci!» Grito de Invicta paixão!

Era a nobreza de alma e coração que intuía no repartir da cidade invicta pora com os pardieiros do Barredo — terra onde encontrou «heróis, mártires e santos» que hão-de colocar na boca dos seus contemporâneos a sua glorificação.

No final do dia 9 de Outubro, inesperadamente, depois de vinte anos de ausência, o Coliseu voltou a dizer do Padre Américo e das Gentes do Porto... Foi «um matar de saudades!» Com uma «enchente» humana, abundante e inesperada... com o sabor daquilo que o «passado» tem de melhor e de intemporal: os valores e as pessoas que os corporizam.

A festa dos gaiatos fez, de novo voltar ao Padre Américo, à sua intemporalidade, como apelo à memória e referencial de qualidade na vivência da solidariedade.

Mais uma vez se percebeu que ninguém é dono da sua paixão; que é impossível aprisioná-la nos nossos critérios e métodos. Ele está para além de todos os cânones instituídos como um grande carismático dos nossos tempos.

Bem dizia dele, o seu bispo, ao intuir nele a presença do sobrenatural, do mistério que só Deus revela: «a sua vida é um mistifório...».

Quem nos dera a nós, ser dignos dele!

Padre João

SETÚBAL

Verbo amar

A vida em Comunidade é uma grande riqueza. Os rapazes são quem mais a aprecia e valoriza. Os laços de amizade que se criam entre todos, são fortes e solidários. É-lhes sempre doloroso deixarem esta partilha de vida, quando esta traz a necessidade da separação da Comunidade.

Num nível mais alto e mais enriquecedor, está a experiência da vida em família. Quando eles a sentem como sua, os laços que estabelecem, mais que solidários, são também afectivos. A Casa é a sua casa, as coisas são as suas,

os outros são companheiros de vida.

Era Domingo. Cada rapaz, saboreando o tempo livre, ia-o dedicando a fazer o que mais lhe apetece.

O Ângelo também assim fez. Pegou num balde com água e detergente e, sem nada dizer a ninguém, foi lavar o nosso novo e primeiro mini-autocarro que nesta semana acabamos de adquirir, com a ajuda dos nossos Amigos. Tínhamos ido fazer a sua viagem de estreia, coincidindo com a Festa dos Rapazes no Coliseu do Porto, neste mês de Outubro,



Ainda o Coliseu

A Festa foi. E as preocupações centradas na lotação tamanha da maior casa de espectáculos do País acabaram em consolação porque, embora longe das lotações esgotadas a que nos habituámos no passado, a sala estava bem composta e por gente *viva* que não foi ali para ver, para assistir, mas disposta a participar. Este foi o carácter essencial de todas as Festas desde os anos quarenta do outro século e que se manteve — mantém-se, graças a Deus!

Curiosamente — já não lhe chamo preocupação, mas pena — é a insuficiência do espaço que prevejo para a apresentação do livro «Páginas Escolhidas» de Pai Américo na Biblioteca Almeida Garrett, pelo interesse que o Autor desperta bem como pela qualidade dos Apresentadores.

Voltando ao Coliseu, agora a preocupação é a de sermos capazes desta presença continuada a ritmo anual como foi durante décadas, o que se torna muito difícil com o tempo que a Escola ocupa os Rapazes e não deixa margem para outras actividades, como seria esta de produzir e realizar um programa — haja quem tenha talento para tal. Nesta presença de agora valemo-nos substancialmente do que fora feito em Setúbal em Abril passado e por isso a execução da maioria dos números esteve a

cargo dos Rapazes daquela nossa Casa. Mas quem deu vida a tudo foram dois netos, filhos do Ernesto Pinto que, há muitos anos deixou este mundo, mas não vazio do seu espírito e dedicação, como o provam estes frutos, também de muito trabalho e dedicação dos seus filhos. É um valor acrescentado e significativo da real Família que somos. E porque não foram só eles, mas pudemos também contar com a colaboração de um Apresentador, membro das primeiras gerações de gaiatos, o António Teles, e do Américo, que assumiu a autoria de Festas de categoria nos anos cinquenta e sessenta até partir como um dos fundadores da Casa de Benguela após o Coliseu de 1964. Conserva ainda a sua bela voz e cantou-nos acompanhado à guitarra e à viola pelos seus dois filhos, também eles homens feitos.

Proporcionaram-nos, pois, momentos de emoção, sobretudo aos que os conheceram na sua juventude — tal foi o testemunho que também da plateia nos fizeram chegar.

Um bem-haja a todos, os *de fora* e os *de dentro*, que contribuíram para que a noite fosse verdadeiramente um serão em família, pleno de lembranças e de afectos.

Padre Carlos

para nós dedicado a Pai Américo. À tarde vinha a sua irmã visitá-lo e ele queria mostrar-lhe o nosso autocarro limpinho.

Também nessa tarde, O Iaiá e o Samuel vieram entregar-me um comprido parafuso que acharam no chão. Disse-lhes que uma coisa assim poderia furar facilmente um pneu de um carro. Então perguntaram-me se podiam ir procurar mais. Claro que sim!... Sem mais, desataram a correr os

dois em busca de outros que nos pudessem trazer trabalhos nada proveitosos.

Nem sempre são úteis as iniciativas dos rapazes, mas fica-nos a alegria de vê-los a actualizar o verbo amar na primeira pessoa. Foi o caso do «Jo» que depois de ver uns outros mais velhos a apanhar tangerina para o nosso almoço, pegou sozinho numa caixa e ei-lo a colher nela tangerina como havia visto os outros fazer.

São atitudes que nos alegram e que nos confirmam no caminho certo, neste longo caminho a percorrer.

De Pai Américo recebemos este imperativo assim modelado, que ele próprio recebera e tão bem soube por em prática. Só ele pode resolver os problemas entre os humanos, e só ele pode evitar as crises, até mesmo as financeiras com que o mundo hoje se debate.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO



O Diogo e o Joaquim, com parte do nosso rebanho, no pomar, da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

DIREITOS SOCIAIS — Ao longo dos últimos 50 anos e, em especial, desde o 25 de Abril de 1974, tem havido uma tendência positiva de alargamento dos direitos sociais em Portugal. O problema, especialmente com os mais pobres, é que muitas vezes eles não têm, de facto, acesso a esses direitos que são seus, nomeadamente por falta de informação, pouca instrução, ou falta de .mão amiga por perto que os ajude nas diligências burocráticas que são necessárias para esse efeito. Desde que sou gente, lembro-me muito bem de ver lá por casa essa mão Vicentina amiga a ajudar tantos que, de outra forma, não teriam beneficiado das pensões de reforma a que tinham direito.

Há que reconhecer que também no apoio para esse tipo de diligências burocráticas tem havido algum progresso com autarquias e certas IPSS a dotarem-se de pessoas destinadas a prestar esse serviço a quem dele precisa. No entanto, e como muitas vezes acontece, ainda é o olhar atento e discreto do Vicentino que vai acudindo àqueles a quem esse apoio não chega.

Se para os que atrás referimos, os direitos sociais pecam por defeito, sabemos bem que, para outros, também há aproveitamento oportunista dos mesmos. Várias vezes, na nossa e nas outras conferências, há pessoas que pretendem a nossa ajuda, escondendo que já beneficiam de apoio suficiente da parte dos sistemas públicos de acção social. Procuramos sempre investigar este tipo de situações, mas não podemos garantir que nunca nos enganamos. Também aqui procuramos fazer pedagogia, incentivando sempre as pessoas que ajudamos a irem até onde for necessário para usufruírem dos direitos sociais que são seus e apoiando-as nesse sentido, se for preciso. Quando notamos que há negligência deliberada da parte delas nesta matéria não deixamos de proceder a uma adequada «correção fraterna». Também isto é promover a justiça social.

PARTILHA — De um assinante de Vila Nova de Gaia chegaram-nos 20€. De Mem Martins veio um vale do mesmo valor. Da Maria José, de Lisboa, vieram 80€ não para «pagamento de uma promessa, mas para agradecer uma graça recebida». De um assinante do Pinhal Novo, com a bonita idade de 93 anos, chegaram 50€, com um querido abraço que aqui retribuimos. De um assinante de Perosinho vieram 100€, com um pedido de oração por «*todos os nossos irmãos em dificuldades*». Assim temos feito e assim continuaremos a fazer. Por fim, a Lurdes do Cacém continua a mandar sempre os seus «*pósinhos para os mais pequeninos*». Desta vez foram mais 30€. Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Américo Mendes

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — O ano agrícola nunca pára, se queremos tirar proveito da terra, para o nosso sustento.

Chegou a altura de recolher as abóboras que foram semeadas, no pomar e na terra dos grilos. Foi uma boa apanha, sendo colocadas no celeiro da batata.

A 24 de Setembro, foram comprados, na feira de Miranda, vários centos de couves (tronchuda) e alfaces, que se plantaram na horta e no pomar. Na horta, semearam-se nabças e nabos. Esperamos boas colheitas.

DESPORTO — O sector desportivo, na nossa Casa, está em actividade. Os equipamentos que estavam a ocupar uma sala da nossa Escola, necessária neste ano lectivo, foram transferidos para outra sala, no edifício chamado do Lar. O José António «Chola» continua a orientar o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato.

A época futebolística abriu a 20 de Setembro, Sábado, com um desafio disputado com o C. D. Lousanense,

em que vencemos por 4-0, com golos de Bruno Neves (2), Cristiano e Paulo. Foi um bom jogo, em que a nossa equipa se mostrou bem entrosada. Alguns Rapazes da casa-mãe também jogaram.

LAR DE COIMBRA — Outro ano escolar teve início e foi preciso deslocar alguns Rapazes, durante a semana, para o nosso Lar do Gaiato de Coimbra, na Travessa Padre Américo, que vai ter à Av. Dr. Dias da Silva.

A maioria deles começou as aulas a 15 de Setembro e são os seguintes: Rúben Fonseca (12.º ano, Electricidade) e Fábio (10.º, Energias renováveis), na Escola Secundária Avelar Brotero; Leandro e André (10.º, Multimédia), na Escola Secundária José Falcão; Cristiano (9.º ano) e Natanael (6.º ano), na EB 2,3 Martim de Freitas; Bruno Silva (9.º, Informática), na EB 2,3 Silva Gaio; João Pelengana (10.º, Cozinha/Pastelaria), na Escola Secundária D. Duarte.

O chefe e o sub-chefe do Lar são, respectivamente: o Rúben e o Leandro.

O Sr. Professor Francisco foi destacado, outra vez, no nosso Lar do Gaiato de Coimbra.

Continuam, no apoio ao estudo, como Amigos voluntários, os seguintes Professores: Dr.ª Teresa, Dr.ª Joana, Dr.ª Maria do Carmo e Dr.ª Maria José. Na primeira quarta-feira de cada mês, costumam reunir-se. O nosso muito obrigado!

Um bom ano escolar e de comunidade, com boas notas e bom comportamento, na cidade do Mondego.

DESPESAS ESCOLARES — No início do ano lectivo, foi necessário comprar algum material escolar e os manuais adoptados, nas várias disciplinas, para os Rapazes que estudam em Miranda do Corvo e Coimbra. Todos os meses, alguns Rapazes também precisam de passes. Foi uma grande despesa, com os 28 estudantes; embora haja mais Rapazes em actividade.

RAPAZ NOVO — Foi com muita alegria que recebemos, a 18 de Setembro, outro Rapaz para a nossa Família. Chama-se Fábio e veio de Alfornelos (Amadora), a pedido da sua avó paterna. É guineense, natural de

Bissau, e tem 9 anos. Passou a frequentar o 2.º ano, na nossa Escola do 1.º Ciclo, e é sportinguista. Muitas felicidades!

AGRADECIMENTOS — É nosso dever agradecer, publicamente, a todas as pessoas que manifestaram a sua amizade e defesa da nossa Casa, nos meios de comunicação social, por carta, telefone e pessoalmente, como o Sr. Bispo de Coimbra, a Câmara de Miranda do Corvo, Professores, Pais de alunos da nossa Escola, entre muitos Amigos. Não esquecemos os verdadeiros Amigos da nossa Casa e só queremos que nos deixem viver e crescer em paz.

Alunos do Alternativo

SETÚBAL

FESTA NO COLISEU DO PORTO — No dia 9 de Outubro os rapazes foram lá actuar, para fazer uma Festa sobre a nossa Obra. Abalámos cá de Casa eram 13.30, no nosso novo autocarro. Pelo caminho fizemos umas paragens para comer e apanhar um pouco de ar. Quando chegamos ao Coliseu, descarregamos as nossas roupas e fomos ensaiar para nos adaptarmos ao palco. Chegou a hora do jantar, estávamos com alguma fome. Fomos jantar ao Lar do Porto, a comida estava ótima mas tínhamos que nos despachar porque estava quase na hora de actuar. Chegámos ao Coliseu e fomos para o camarim prepararmo-nos. E lá chegou a altura de actuarmos. O primeiro número foi feito por nós, com a encenação sobre a Vocação do Pai Américo. Depois houve vários números e nós ainda fizemos uma dança moderna, a dança africana e a marcha da Obra da Rua. Por fim juntamo-nos todos para cantar o Hino ao Pai Américo. Foi uma alegria, e as pessoas deram-nos os parabéns por terem gostado muito das nossas actuações. Depois do espectáculo fomos dormir à Casa da Praia da Azurara. Na manhã seguinte acordámos às 7 horas, tomámos o pequeno-almoço e abalámos de regresso a Setúbal.

João Palma

PAÇO DE SOUSA

AGRICULTURA — No passado dia 6 de Outubro, com o fim da silagem, começou a nossa vindima. As uvas recolhidas foram transportadas para a nossa adega.

VISITA — Um destes fins-de-semana, recebemos a visita dum antigo gaiato de Lisboa. Jogou futebol na nossa equipa de futebol contra uma equipa de Penafiel, onde joga um outro antigo gaiato da nossa Casa, foi um dos anfitriões. Marcou um livre que quase dava golo.

ENSAIOS — Depois do Coliseu do Porto, continuam os ensaios para a festa de apresentação do livro «Páginas Escolhidas» de Pai

Américo, que será no próximo dia 18 de Outubro, na Biblioteca Almeida Garrett, pelas 16 horas. Bom trabalho!

ESCOLA — O «Botija» frequenta o 12.º ano de Electricidade e encontra-se a estagiar numa oficina perto de nossa Casa. Tem aplicado os conhecimentos adquiridos. O Abílio, que acabou o curso de cozinha, arranjou um modesto trabalho na Maia.

Zé Reis

DESPORTO — Primeiro jogo; primeira derrota. É um facto! Mas agora, vamos aos pormenores.

Temos vindo a dizer que andamos a construir uma equipa nova. E é verdade! Diz o velho ditado: «só faz falta quem está». Mas não é menos verdade, que também faltou um pouquinho de sorte a estes briosos rapazes, que por nada deste mundo, deixam o seu clube do coração: o G. D. da Casa do Gaiato.

Em relação ao jogo, tudo correu bem. Não houve qualquer quezília entre os jogadores; uma arbitragem excelente, realizada pelo «Bolinhas» e seus auxiliares; e, muitos golos falhados pelos nossos rapazes. Era o primeiro jogo, daí, alguns nervos miúdos. É natural!

Com dez minutos de jogo, podíamos estar a ganhar, mas a verdade, é que estávamos a perder por 0-2. Pouco depois, surge o 0-3. Os rapazes não desanimaram e chegaram aos 2-3, com dois fabulosos golos de «Bonga».

Como não há duas sem três, depois de tantos golos falhados de baliza completamente aberta, António Pedro, que não esteve muito mal no eixo da defesa, fazendo dupla com o «Pretinho», resolveu falhar uma grande penalidade, mandando a bola para as nuvens. Perdemos, é certo, mas desânimo, é coisa que não há no balneário.

Alberto («Resende»)

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

INAUGURAÇÃO DA SEDE — A nossa sede irá ser inaugurada oficialmente a 9 de Novembro próximo, após a Missa das 12h00, presidida pelo Director da Obra, Padre João. Contamos com a tua presença e dos teus familiares. Elaboramos um programa onde constam actividades desportivas como: damas e caricas, da parte da manhã, e a parte da tarde será preenchida com malhas e uma gincana com arcos. Haverá prémios surpresa para os participantes; por isso, inscreve-te e vem recordar velhos tempos. O convívio terminará com uma sardinhada acompanhada da habitual música ao vivo.

ANIVERSÁRIO DE PAI AMÉRICO — O dia 23 de Outubro foi escolhido para a escritura notarial da Associação. Será o nascimento oficial da A.A.G.F.N., em homenagem ao Fundador da Obra da Rua.

Maurício

BENGUELA

Oceano de beleza por descobrir

TENHO diante de mim o mapa de Angola. É grande! Muito grande! Esta Mãe-Terra é a mesa recheada de todos os bens necessários para a vida digna dos seus filhos. Quem dera! Temos que trabalhar muito, de mãos dadas, para que o pão, o vestuário, os remédios, a casa, a escola, cheguem às mãos de todos. Quantas vezes me interrogo, ao subir os morros dos bairros e a atravessar as ruas: Quem vai ajudar a multidão de crianças que saem de todos os cantos? À medida que mergulhamos, mais fundo, neste oceano de beleza por descobrir, mais comprometidos nos sentimos, com vontade de ir mais longe. A maior riqueza duma Nação está no coração dos seus filhos. Importa explorá-la até ao fim.

Ontem, ao passar por um cantinho da nossa Aldeia, dei conta da presença do grupo dos mais pequeninos e médios, num concurso de corrida de arcos e gincana, também. Parei a deliciar-me com a beleza

do espectáculo. O nosso José Luís orientava e animava. Estes filhos, a crescer como os vossos filhos, teriam a sorte da multidão de abandonados, ou semi-abandonados que vagueiam pelas ruas, se não tivessem encontrado a Casa do Gaiato que os acolheu. Estamos, pois, a dar a mão aos que podemos ajudar.

Uma das metas importantes na estrada das suas vidas é a autonomia. Há, pois, que os ajudar a preparar-se. Há dias, um deles, já com 19 anos, ainda estudante, veio pedir-me para frequentar um curso de formação profissional, fora das nossas oficinas. Fomos aonde ele queria. O Centro, onde os cursos são ministrados, está instalado num bairro da periferia. Ficou matriculado. Será um futuro mecânico-auto. De manhã, faz a sua aprendizagem. De tarde, continua na escola.

Na conversa com o responsável do Centro, tomei conhecimento da intenção de ajudar os jovens do bairro a sair da vida sem futuro, dando-lhes uma oportunidade de

abrir a porta para o futuro digno. É um caminho certo. Douro modo, surgirão focos intensos de instabilidade social. É necessário, contudo, o acompanhamento que anime esses jovens a perseverar. Douro modo, enchem o Centro no início da actividade, mas abandonam a tábua da sua salvação pouco tempo depois. Sem dúvida, a resposta mais adequada para a situação da grande maioria é a formação profissional, a seguir à escolaridade básica. Vejo, por isso, com muita satisfação, o nascimento dos centros de formação profissional junto da matéria-prima que vai ser transformada, a população jovem dos nossos bairros. Da nossa parte, vamos aproveitar todo o bem possível desta iniciativa.

Muitas famílias destes filhos que moram nos bairros andam aflitas porque não têm onde os acolher, ao abrigo da chuva, do frio e do calor. Algumas dezenas bateram à nossa porta, nos últimos dias. Recolhem algumas centenas de chapas que vamos distribuir. Deste modo, as casinhas podem ser cobertas. Outras aumentadas para que os filhos possam ter o seu lugar separado dos pais. O primeiro passo, o mais importante, foi dado por eles próprios. Não se sentem felizes a viver na miséria. Querem sair da situação em que vivem. Têm força para estender a mão. Queremos agarrá-la com muito amor e dar o salto para a liberdade, bem unidos, como irmãos.

Padre Manuel António



Gaiatos de Miranda do Corvo, na peça "O Barbeiro", no Coliseu do Porto, a 9 de Outubro.

Gaiatos no Coliseu do Porto

«**T**AMBÉM tu és preciso para completar esta Obra». Foi com este refrão, recitado pelos Rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal, que a Obra da Rua se apresentou na Cidade do Porto, reencontrando-se com o seu Povo, após anos de ausência, nessa «Casa» que sempre foi de bem receber e «Sala» de convívio entre a «Família de dentro» e a «Família de fora» — o Coliseu, que tantas gerações de Gaiatos viu pisar o seu palco (artistas da verdadeira forma de dizer: «isto é a Casa do Gaiato», e de outras tantas gerações que encheram a plateia, ao longo de tantos anos, de amor por esta Obra fundada no coração dos Portugueses de todas as latitudes e, no Porto, Coimbra, Setúbal, Maputo, Malanje e Benguela, muito particularmente até porque, estas cidades têm o coração da Obra da Rua às suas «portas», sempre «abertas», ao encontro amoroso e familiar.

As três actuais Casas do Gaiato de

Portugal, marcaram presença com os seus Rapazes (o verdadeiro centro do Encontro, como bem frisou o nosso Padre João no fecho desta memorável noite). Nota-se, logo à partida, a existência de uma componente de Arte para além da vida de cada Casa e, particularmente, de cada Rapaz no seu projecto de vida. O trabalho que um Encontro desta natureza, forçosamente, requer, obriga a alguns sacrifícios, quer a nível escolar ou, mesmo, de tempos livres, que são ocupados neste prazer de estar com quem nos ama e lhes dizer: — nós também vos amamos e aqui estamos para que vejais como e quanto e como os vossos sacrifícios nos são benéficos e nos fazem, cultural e espiritualmente, Homens. Olhai-nos aqui, neste palco e vêde o nosso gozo, a nossa alegria e o nosso orgulho de sermos da Casa do Gaiato, existência da Obra da Rua e filhos de Pai Américo: Este testemunho sintetizado pelo Américo, mesmo o seu regressar a este palco do Coli-

seu com os seus filhos a acompanhá-lo num momento em que a Sala ficou cheia da sua poderosa voz de Artista, é exemplo tanto para as gerações de Rapazes que ora vivem sob o tecto das Casas do Gaiato, como reflexo de tantos outros Rapazes que de lá já saíram e do seu sucesso na vida, da sua dignidade como cidadãos e deste amor que prende às raízes de «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes» que é máxima, e mesmo aqui, no palco, ela se revela: — um irmão mais velho dando o seu exemplo de vida como caminho a seguir pelos seus irmãos mais novos. Belíssimo testemunho que merecia ser ouvido ao mais alto nível, mas como quase sempre, esses não aparecem pois o evento não lhes dá rosto nem votos. E outros, porque de erro em erro, de coisa em coisa, não querem aprender o verdadeiro fundamento da Obra da Rua e preferem o seu ganho de fim-de-mês, a ver a Verdade que é e que sabemos — nós os de dentro como os Amigos de fora — mas ela vencerá. O tempo e a Obra da Rua a Deus pertencem.

Júlio Fernandes

DOCTRINA



«Palavras consoladoras»

TEMOS actualmente poucos recursos monetários para prosseguir com as obras das nossas Aldeias e manter os seus habitantes. Aquela carta que me veio em dia dos meus anos, do Padre Manuel, e aqui devidamente publicada, é um documento. Dito de Miranda do Corvo, dito de Coimbra e de Santo Antão do Tojal e do Porto e daqui, Temos muito poucos recursos. Não é que as fontes tenham secado. Não podem secar. Mas a água vem num fio. Eis aqui uma face da medalha. É a face negativa.

O panorama da outra face é simplesmente pavoroso. Os rapazes que nos procuram, não têm conta. As cartas onde se pede um cantinho na Aldeia, da mesma sorte. A Casa do Tojal não está ainda de serviço e os pedidos já nos chegam de toda a parte. Que fará quando ali estivermos! Os que hoje abrigamos, contam-se por número elevado. Mais: muitos deles são doentes. Ou contraídos na rua ou no ventre das mães, em qualquer dos casos, estes males reclamam mais assistência, mais carinho, mais despesas. Agora vêm as obras. Obras de construção das Aldeias onde nos encontramos. Mais edifícios. Mais escolas. Mais oficinas. São coisas absolutamente necessárias. Elas são o grande remédio deste grande mal. Não se trata de um capricho ou de um apetite ou de uma vaidadezinha de fazer melhor do que os outros. É preciso acudir agora ao trágico desabar dos homens. Pois muito bem. Obras em mão significa grandes somas dispendidas. O sustento diário da população das nossas Casas significa enormes somas dispendidas. O cuidado da saúde, do vestir e do calçar leva-nos os olhos da cara.

ORA segundo a ordem natural das coisas, não se vê bem o sentido do título deste artigo do fundo. «Palavras consoladoras» parecem não ter lugar dentro de tamanha desolação. Pois quê? Um mar de despesas necessárias, urgentes, inadiáveis — e um fio, um fiozinho de receitas. E esse fio não é sempre nem é certo. Mais. É preciso andar por lá a explorá-lo. E, às vezes, não dá nada ou dá muito pouquinho. Que é da razão do título? Aonde as palavras consoladoras?

Eu vou dizer: Paz. Muita Paz.

AQUI há umas semanas, recebi dois livros de Viseu. Arrumei o pacote e passados tempos abri a ver o que era. Um deles tinha por fora: «Vida do Padre Damião». Tomei o livro e coloquei-o sobre a mesa de cabeceira no meu quarto de dormir. Cortei as folhas. Comecei a ler muito devagarinho. O melhor da vida do santo, nunca aparece na vida que os autores escrevem. Não vem. O melhor fica dentro deles. Mas há muita coisa escrita que faz bem à alma da gente. Eu tenho que a pessoa que me mandou o livro não soube, ao fazê-lo, nem agora sabe, o bem que me fez! Nós precisamos de tónicos. Ora as «palavras consoladoras» foram recolhidas e vêm do livro em questão.

SE este número de hoje for lido por cinquenta mil portugueses, a todos eu digo: *corações ao alto!* Que seja para cada um deles a verdade que dá o nome a estas regras. Comecei a ler, até chegar ao ponto onde o Padre Damião entrou na ilha de Molokai, naquela tarde, e se «instala» debaixo duma árvore, com o chão por almofada e as setrelas por cobertura. Ele e setecentos e cinquenta seres desfigurados e mal cheirosos. Leprosos. A ilha dos leprosos.

CHEGADO que fui a este ponto, andei mais umas páginas, aonde vinha o projecto das realizações do incrível apóstolo: trezentos edifícios de cal branca. Hospitais. Patronatos. Igreja. Creches. Jardins. Arruados. Andei mais prá frente e topei os fundos, as somas de que ele ia prevenido para dar começo a Obra tão gigantesca: eram o seu breviário e o seu crucifixo. Mais ainda. Viro mais páginas e encontro de como Ele, o apóstolo, prosseguia activamente e rapidamente com as obras. «Nós, os leprosos» — assim se dirigia o Padre Damião à assembleia dos seus leprosos, quando lhes falava do altar! Esta é a bomba final. Palavras consoladoras. Note-se que o Padre Damião não era ainda um leproso ao tempo em que se dirigia aos seus leprosos — «nós, os leprosos». Era o desejo de o ser. Era a força da conquista. Dentro em breve, de vários credos e até de nenhum credo nos habitantes da ilha, todos eram do credo do apóstolo. Uma só alma, um só coração. «Nós, os leprosos!» Era o desejo de se tornar como eles para salvar cada um deles. «Desiderio desideravi.» Vem assim no Evangelho. O Leproso Divino. O Leproso da Cruz, também assim fez. Ou pretendes tu apanhar trutas com as calças enxutas?!

D. Américo

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

PÃO DE VIDA

De avental

HÁ meios de comunicação social, em que as notícias com maior destaque são contrárias à lógica da bondade humana e da Verdade. «Os vossos caminhos não são os meus caminhos», diz o Senhor (Is 55,8). Na Finlândia, os *mediá* acordaram em reduzir as notícias sobre outro massacre numa escola. Num mundo global, é uma questão fulcral, na formação da opinião pública, em especial dos mais jovens, e no equilíbrio social.

Vai estando, na ordem do dia, a criminalidade. É um problema grave, que é tratado com muito relevo. Algumas causas podem ser descortinadas. A desocupação, as dependências e as teias das libertinagens são algumas das explicações do descontrolo na sociedade. Quando as crianças crescem entregues aos seus caprichos, sem autoridade e tarefas, abandonadas à sua sorte, podem chegar a *pequenos ditadores* e delinquentes. A excentricidade e o umbiguismo impõem as modas.

A segurança das populações mobiliza recursos crescentes. Os planos preventivos são chamados a desenvolver-se, numa rede educativa, de respeito pela vida humana, como valor inviolável, e ainda pelos bens alheios. Os Mandamentos da Lei de Deus, no Sinai, não foram revogados.

A nossa Casa é a Família, actual, de um Rapaz, cuja execução de medida de promoção e protecção era *muito urgente*. Vivía num «ambiente desequilibrado e de vulnerabilidade social». Quem intercedeu não acreditava no nosso *sim*, porque *ninguém o queria acolher...*

Veio há seis meses, com 10 anos, e despacho de Juiz. À mesa, ao nosso lado, é um bom garfo, e tem crescido a olhos vistos. Na manhã do dia seguinte, à sua chegada, depois do leite quente com cereais, foi com os outros pequenos, da casa-mãe, para as obrigações domésticas, antes da ida para a nossa

Escola. Na copa, colocámos-lhe um avental, banal, à cintura, para não sujar a roupa. Não o queria apertado. Enquanto o atava, atirou-nos: «*Porque não mete alguém para lavar a louça?*» Com um avental, de serviço, é possível ajudar uma criança a livrar-se de algum mal. O trabalho feito pela mão deles é imprescindível, no nosso modo de vida. Os nossos filhos não são utentes nem assistidos.

Na tentação tem caído e, numa conversa directa, olhos nos olhos, foi momento para explicar porque não se deve furtar. A pessoa humana equilibrada há-de ser encaminhada, desde criança, para uma escala de valores e preparada para uma *cultura de serviço*, não de egoísmo e domínio.

Em Coimbra, por vezes, passámos no Estabelecimento prisional, com centenas de reclusos. Numa viagem, de uma consulta, entretanto, observou como é triste estar atrás das grades...

Vale bem a pena conhecer o percurso de vida de Jean Bernier, em *O Bom ladrão: da prisão para o convento*. Os seus «anos infernais» custaram-lhe 15 anos de cadeia. Contudo, foi capaz de uma conversão radical: «*Não cesso de dar graças a Deus sempre que me lembro dos meus erros, por me ter arrancado desse inferno do mal*».

«*Ó Senhor, que amas a vida!*» (Sb 11,26). A voz que ouvimos dentro de nós, na nossa consciência, não deixa perder a esperança.

Padre Manuel Mendes

Setúbal

Continuação da página 1

O verbo amar anda muito desvalorizado porque muito deturpado no seu verdadeiro sentido. Fez-se egoísta, tal como os indivíduos que assim o conjugam nas suas atitudes.

Embora enfermo, ele não morre, porque sabemos que não acabará nunca.

Padre Júlio

MALANJE

Cantinho dos Rapazes

MORREU o Tonito. O Tonito foi-nos dado pela Irmã Cecília. Ela o criou de bebé. Quando veio, com três anos, ainda fazia chichi na cama, por tal, ficou o Tonito «mijão». Cresceu. Teve sempre inclinação para a pecuária.

A guerra levou-o para a Casa dos Rapazes de Luanda. Eles, começaram a tratá-lo por «doutor agrónomo»; pois, além dos porcos tratava da horta.

Casou, teve filhos. Nas suas férias vinha muitas vezes a nossa Casa e tinha gosto de nos ajudar no tratamento dos porcos e das vacas. Um dia, veio muito aflito dizer-me que tinha começado a peste suína nas pocilgas, que lhe desse dinheiro para comprar liamba.

— Liamba?!

— *É o remédio. Eu vou à sanzala por ela.*

Foi e deu aos porcos uma dose de matar ou viver. Os bichos ficaram bêbados e foi uma festa destro das pocilgas: dança e música.

Não morreu nenhum. Matámos nós para festejar.

Sempre bom Rapaz, sempre carinhoso e amigo da Obra que foi sua mãe.

Valeu a pena? — Valeu.

* * *

Era uma vez um menino. Ficou sem pais aos quatro anos. Entrou pela mão do Padre Américo na Casa do Gaiato. Aos 12 anos uma família assumiu-o e ali aprendeu a gerir uma casa comercial. Adulto, com dificuldade e muito trabalho, criou o seu próprio negócio. Venceu. Constituiu família: esposa, filhos e netos.

Vindos do Sul, senhor Padre Carlos e eu, fomos visitá-los na sua casa comercial.

Como membros da sua família, nos recebeu em sua casa. Com quanto carinho esse pai, nosso antigo gaiato, nos mostrou a manta de retalhos do seu esforço, trabalho, dificuldades e a sua vitória final. Sabe bem acariciar as flores e saborear os frutos! Sobretudo, o cuidado e esmero na educação de seus filhos.

Padre Telmo

Património dos Pobres

FOI com muita alegria que acompanhei dois Párocos na visita aos Pobres dos seus rebanhos.

Muito distantes um do outro, na geografia, mas muito próximos no ideário pastoral, na liturgia e na demonstração da Fé através da vivência da caridade, no cuidado com os Pobres.

Em ambas as paróquias a Conferência Vicentina tem vida, entusiasmo e dificuldades a vencer com ânimo. Naturalmente os pastores sentem que a acção delas é fundamental no êxito do apostolado conjunto. Sim, a atenção aos Pobres sempre credibilizou fortemente a Igreja e ajudou os cristãos a amar a virtude da pobreza evangélica, tão exaltada por Jesus Cristo e fundamental na busca da santidade, vivamente recomendada aos cristãos, pelos últimos Papas.

O primeiro foi mesmo no centro do País.

O sacerdote cruzou-se comigo num encontro de padres e logo me falou dos seus Pobres — se ainda ajudávamos na construção de casas?

— Sim, senhor — respondi logo.

— É que tenho lá uma família muito Pobre que a Conferência está a ajudar a reconstruir a casa e precisávamos de um auxílio.

— Vou lá e daremos o que acharmos sensato.

A proximidade é não só uma condição importante para solucionarmos bem as questões, como também uma ferramenta que limpa a alma.

Longe, as dores dos homens nunca aparecem com calor real. É preciso a gente ir lá para as sentir.

O Prior chamou uma Vicentina e fomos os três. Era sábado, logo a seguir ao almoço. O sol estava muito quente.

Apanhámos os Pobres a trabalhar. A mulher dava serventia. O marido rebocava com um pedreiro. Como gostei de ver! Faz-me bem contemplar estes quadros... encorajame!

A casa é o aproveitamento duma construção antiga, propriedade da esposa, de pedra, com paredes largas sobre as quais assentaram um primeiro andar. Com três filhos,

dois rapazes e uma menina, ficarão com casa suficiente para viverem com dignidade.

Impressionou-me o estado de saúde oral da senhora. Muito magrinha, de aspecto jovem, mostrava, ao falar, apenas dois dentes amarelados, um de cima e o outro de baixo. Logo me apeteceu pagar-lhe o arranjo da boca.

É uma injustiça que tanta gente comete a gastar em cosmética, quando esta irmã não tem para os dentes!... Ficarão para a próxima visita.

Deixei ao Pároco 2000,00 euros mais o compromisso de pagar as janelas de alumínio, com vidro duplo. É que eu vi o interesse deles em aproveitar umas, muito estreitas, de ferro carcomido e não consegui convencê-los a deixá-las de lado.

Mandei alargar as aberturas e o preço é comigo. Assim ganhei a batalha e a casinha vai ficar com janelas rasgadas, como é necessário.

O outro Pároco, do Minho, contactou-me por carta. Procurava ajuda para o telhado de uma casa em construção para uma família de três filhos, uma ainda bebé, e o pai doente crónico.

Respondi por telefone a dizer que passava por lá a apreciar a obra e concluir, com ele, algo sobre a ajuda.

Tratava-se também da ampliação de uma antiga casa, de pedra, e do seu melhoramento. A construção estava ainda atrasada.

Faltava a parede da frente do primeiro andar, a placa, o telhado e os acabamentos, sem falar em condutas de electricidade e água, portas e janelas, etc.

Com o solícito Padre visitámos a família na sua actual morada: — Casa de campo, sem condições, cedida por um familiar.

Fomos recebidos num telheiro onde os três irmãos brincavam. O do meio, com onze anos, mal ouviu a voz do Pároco, enfiou a cabeça entre as pernas, sentado no toço dum carro de bois arrumado, pôs as mãos sobre a cara e a cabeça, não permitindo que o víssemos, apesar das exortações, elogios e mimos.

Pareceu-me que a presente habitação o confundia de vergonha.

A reorganização da referida casa está a ser feita somente aos sábados, pelo irmão do pai como pedreiro ou trolha, de graça, e por este com o filho mais velho a darem serventia ou realizar outras tarefas não especializadas.

A Câmara ofereceu material até ao valor de 7.500,00 euros. Por este andar, nem para o ano, por este tempo, temos casa pronta.

Pedi ao Pároco que mandasse fazer um orçamento da mão-de-obra até ao telhado e mo dissesse, mesmo por telefone, para se apromptar a casa antes do rigor do Inverno.

À vergonha do menino, junta-se a minha dor por ver estes irmãos em tão fraco alojamento.

A direcção postal do Património dos Pobres:

Lar do Gaiato

Trv.ª Padre Américo

3000-313 Coimbra.

Padre Acílio

PENSAMENTO

Libertar um rapazinho da miséria é arrancar ao monstro da ruína social uma futura vítima. E prepará-lo para os combates a que a evolução humana compele é a mais alta forma de filantropia que pode exercer-se.

PAI AMÉRICO